

RETALHOS ALINHAVADOS NO PERCURSO DE VIDA E FORMAÇÃO E AS IMPLICAÇÕES NA IDENTIDADE DE UMA PROFESSORA QUE FORMA PROFESSORES/AS

*FLAPS IN THE COURSE OF LIFE AND TRAINING AND THE IMPLICATIONS IN THE IDENTITY
OF A TEACHER WHO FORMS TEACHERS*

 <https://orcid.org/0000-0001-5441-3255> Flaviane Coutinho Neves Americano Rego^A
 <http://orcid.org/0000-0003-2795-8246> Helena Amaral da Fontoura^B

^A Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

^B Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

Recebido em: 12 jun. 2022 | Aceito em: 01 set. 2022

Correspondência: Flaviane Coutinho Neves Americano Rego (flavicoutinho@hotmail.com)

Resumo

A entrevista é um diálogo que se propõe a abordar a temática da Formação de Professores/as no Brasil, mas especificamente no espaço formativo da Faculdade de Formação de Professores da UERJ em São Gonçalo e as implicações no fazer docente, alicerçada na reconstrução e ressignificação dos retalhos alinhavados ao longo do percurso de vida e formação da Professora Doutora Helena Amaral da Fontoura que há 53 anos tem se dedicado a formar não só professores/as, mas pessoas, compreendendo a multidimensionalidade e a complexidade dos processos formativos e do papel docente. Professora Helena tem grande experiência na área de Educação, com destaque na Formação de Professores/as, atuando especialmente nas temáticas de inserção profissional docente, estágio supervisionado, estudo de egressos e pesquisa qualitativa. Entende a experiência à luz de Josso (2010) e do eu que desabrocha mediante o movimento de reflexão crítica que possibilita ao sujeito descoser fios do passado e tecer laços futuros da sua existência humana. A metodologia da entrevista foi pautada na pesquisa narrativa que constitui uma relação afetiva com a formação. Desta forma, foi possível repensar a trajetória de vida e formação, a reflexão das práticas e atuação docente em um movimento de transformação que foram entrelaçadas nas dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais do ser sujeito formador/a.

Palavras-chave: Formação de professores; Fazer docente; Processos formativos; Identidade docente; Experiência.

Abstract

The interview is a dialogue that aims to address the theme of Teacher Training in Brazil, but specifically in the space of the Faculty of Teacher Training of UERJ in São Gonçalo and the implications in teaching, based on the reconstruction and resignification of the flaps in line throughout the course of life and training of Professor Helena Amaral da Fontoura, who has been dedicated to training for 53 years not only teachers, but people, understanding the multidimensionality and complexity of the formative processes and the teaching role. Professor Helena has great experience in Education, with emphasis on Teacher Training,



working especially on the themes of teacher professional insertion, supervised internship, study of graduates and qualitative research. Understands experience in the light of Josso (2010) and the self that blossoms through the movement of critical reflection that allows the subject to unblock threads from the past and weave future bonds of his human existence. The methodology in the interview was based on narrative research that constitutes an affective relationship with education. Thus, it was possible to rethink the trajectory of life and formation, the reflection of teaching practices and performance in a movement of transformation that were intertwined in the sensitive, affective and conscientious dimensions of the formative subject.

Keywords: Teacher training; Teaching; Formative processes; Teacher identity; Experience.

Preparando para juntar os retalhos

Eu trago comigo uma caixa mágica, onde guardo meus tesouros mais bonitos. Tudo aquilo que eu aprendi com a vida, tudo o que eu ganhei com o tempo e que vento nenhum leva. Guardo as memórias que me trazem alegria, as pessoas que tocaram minha alma e que, de alguma forma, me mudaram para melhor.

Caio Fernando de Abreu

A entrevista aqui narrada, realizada com a Professora Doutora Helena Amaral da Fontoura, foi inspirada nos ciclos da carreira profissional docente apresentados por Huberman (2000), em específico a 4ª fase (25-35 anos de carreira), que o autor denomina de estágio de serenidade e distanciamento afetivo. A entrevista começou a ganhar vida quando a professora que vive/u tal período anunciou seu pedido de aposentadoria e se concretizou com o objetivo de reconstruir e ressignificar os processos formativos os quais vivenciou como professora e formadora de professores/as. Propomos a reflexão dos processos das tessituras da profissão professora e da construção da identidade docente ao longo de seus 53 anos de magistério, sendo 20 destes dedicados à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), contribuindo também na área educativa além Brasil como membro do ISATT (*International Study Association on Teachers and Teaching*). Acredita na multidimensionalidade do processo formativo, na complexidade de formar professores/as e no fazer docente, proporcionando momentos de diálogos, reflexão e possíveis deslocamentos sobre uma temática que é tão atual, assim sendo contribuindo de forma significativa para um olhar para a formação de professores/as com os/as professores/as, para a profissão professor/a e para a sociedade. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógica, nos provoca a pensar e desenvolver o fortalecimento do/a docente que existe em cada um/a de nós por meio da autoformação, potencializando as diversas formas de expressão,

dentre elas a escrita, a arte, a pintura, a poesia, em diálogos constantes com nosso eu pessoal e profissional.

Helena Amaral da Fontoura se declara eclética. Professora Titular do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1974), Graduate Diploma em Educational Psychology pela University of Alberta, Canada (1977), Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1993), Doutora em Ciência pela Escola Nacional de Saúde Pública ENSP/Fundação Oswaldo Cruz (1997), Pós Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona (2007), Pós Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017). Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógicas (CNPq). Pesquisadora 2 CNPq. Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Bolsista do Programa Prociência da UERJ desde 2006. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) de São Gonçalo. Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (EBS) Fiocruz até 2021.¹

Com um roteiro delineado previamente, a entrevista foi realizada de modo remoto por meio de plataforma digital de vídeo chamada no dia 26 de janeiro de 2022.

Flaviane: Fiquei pensando em um diálogo com Josso para propor esta entrevista, por ser uma autora que vem contribuindo com a temática proposta. Desta forma, destaco as posições existenciais apresentadas pela autora. Josso (2010) denomina posições existenciais as formas de estar no mundo e afirma que foi o contato com as pesquisas narrativas que a possibilitou determinar um circuito não linear entre as posições existenciais, que pode acontecer ao longo da vida, mas também a partir de uma só experiência. Evidenciar essas posições existenciais transicionais ajudou-a a avançar na determinação de figuras antropológicas, que chama de conquistador/a, servidor/a, sábio/a e prisioneiro/a, que caracterizam posturas sociais, relações com o saber e com o poder e relações com a ação que ajudam os profissionais como pessoas na procura para situar ou se situar numa dinâmica e as suas formas possíveis de evolução. Essas figuras servem como uma espécie de suporte projetivo. Elas revelam aos seus utilizadores aquilo com que se identificam em determinado momento da sua vida. Gostaria que a senhora falasse sobre o que te chama atenção nessas posições existenciais.

Professora Helena: É um momento de partilha e eu sou francamente favorável às partilhas, sempre fui e sempre serei, aposentada ou não! A primeira coisa que você falou na sua

abertura foi se referir à Faculdade de Formação de Professores, que é o meu ninho! É o lugar onde estou há 20 anos e o lugar que me nutriu e me nutre profundamente. Josso chama atenção para os diversos lugares em que a gente se vê, e quando se trata de formação de professores, eu diria que a Faculdade de Formação de Professores é o meu *locus* preferencial, até porque a gente faz exatamente isso lá, a gente forma professores/as. Eu sempre fiz isso ao longo da minha vida pessoal e profissional e continuo fazendo até hoje. Tenho uma história muito semelhante a várias histórias que ouvi de muitas narrativas de pessoas que escolheram a docência, que contam sobre querer ser professores/as desde a tenra infância e eu sempre fui assim. Brincar com as bonecas e dar aula para as bonecas, dar aula para irmãos, primos e ter essa coisa da ensinagem muito presente na minha vida desde o início. Sou uma pessoa perfeitamente encontrada na profissão e conto sempre o que a minha sábia avó disse quando falei para ela que ia fazer Curso Normal. Ela disse para mim assim: Mas você, a minha neta tão inteligente, por que você não faz Direito? Você pode ser juíza! Aí eu dizia para ela: Eu vou ser professora, mas quero salário de juíza! A gente não chegou a um salário de juíza, mas eu cheguei a uma condição que ser professora me preencheu as necessidades materiais básicas e até algumas menos básicas. Você vai à luta e consegue se manter na profissão por escolha e vai indo sem que essa questão material seja um comprometimento da sua escolha profissional. Eu sou francamente favorável que os salários dos professores da Educação Básica sejam algum dia compatíveis com a responsabilidade do cargo, porque a Educação Básica é um lugar em que eu estive, aliás eu dei aula desde Pré-escola até Pós-doutorado, então tenho experiência de magistério em todos os níveis de docência e afirmo sempre onde estou a importância da Educação Básica, do lugar do professor da Educação Básica. Minha escolha pelo magistério se deu desde sempre e aí eu estou com Nóvoa, quando a gente sabe da grande contribuição dele, tanto no Brasil quanto em Portugal, para pensar a questão da formação dos professores quando fala da dimensão pessoal. O professor é antes de tudo pessoa, gente, e o fato da gente, ter essa concepção, fortalece nossos alicerces do magistério. Trabalhei a vida toda com formação de professores/as e formar professores/as tem muitas dimensões, é um trabalho multidimensional mesmo. E nessa multidimensionalidade a questão pessoal que o Nóvoa nos chama atenção é muito crucial e o que a Josso fala das quatro dimensões também. Eu sou muito eclética! Eu sou mãe de três, avó de três, canto, toco no carnaval, gosto de andar de bicicleta, faço trilha, leio tudo que me cai nas mãos. Isso é um exemplo de como eu vejo e o que espero dos professores/as com quem eu trabalho para formar e ser formada, todas essas dimensões. Participo de vários grupos, um deles chama Mulheres Transformadoras e a profissão de magistério é bastante identificada com o

feminino, então temos essas dimensões: conquistadora, servidora, sábia e prisioneira. A gente aprende também a não olhar as palavras com uma negatividade e a Josso nos ensina isso. Servidora pública sempre fui, sempre serei! Sou uma servidora pública e a conquista vem com todo esse entendimento dos processos de intencionalidade que você vai vivendo. Josso fala do futuro que está presente no presente e eu acho isso lindo porque gosto muito da memória de futuro. Quando mentalizo alguma coisa, por exemplo, eu vou fazer doutorado, isso é uma memória de futuro e eu me vejo fazendo doutorado, tem uma intencionalidade nas coisas que eu faço. A ideia dos nossos refúgios que são os lugares onde a gente transcende que significa que você tem uma transcendência emocional, uma superação e tem aquele momento epifânico para você depois reintegrar e ter aquela sua vida mais normal, mais dentro da rotina, mais corriqueira. Expectativas! Que palavra difícil! Expectativas são feitas para serem *desesperadas*. Tem que tomar um pouco de cuidado com esse vocabulário que fala de expectativas porque pode ser uma preparação para o futuro, mas tem que tomar cuidado com a expectativa ser muito mãe da frustração e a gente não consegue lidar com isso, então vamos trabalhando isso. Tudo que estou falando é completamente formação de professores/as, por exemplo, o que é um refúgio de um professor bem formado? O conteúdo que ele vai trabalhar. Então ele se refugia, se alicerça, se fortalece e no último momento, que é a ideia do desprendimento, que seria quando você já não necessita tanto dos conteúdos com os quais você trabalhou e eles passam a ser você. Eu digo sempre para vocês no grupo de pesquisa e nas falas: o melhor recurso que o/a professor/a tem é ele/a mesmo/a. Quando você trabalha com formação de professores/as tem que ter em mente que está apostando em um/a professor/a bem formado/a, seja como isto seja visto, não como uma terminalidade, mas processualmente, vamos sendo bem formado por nós e pelas interações que a gente estabelece, tem que ter noção profunda de que nós somos os nossos principais refúgios e recursos.

Flaviane: Em sua fala, você já deu até abertura para a próxima pergunta. Antônio Nóvoa, um dos referenciais no campo da formação de professores fala da dimensão pessoa do professor. Quem é a Professora Helena?

Professora Helena: Eu sou professora desde que me entendo por gente, como eu já falei um pouco. Então ser professora faz parte da minha vida e eu sou perfeitamente encontrada na escolha profissional e tenho um prazer enorme. No meu primeiro trabalho eu tinha menos de 17 anos. Então, assim, são 53 anos de magistério! É bastante tempo, né? Eu digo sempre que tenho mais tempo de magistério que muita gente de idade. Podemos olhar para o lado positivo sempre. O acúmulo de experiências não me traz uma sensação de ser melhor do que ninguém.

É um aspecto importante porque a Academia é um lugar bastante ambivalente, tem alguma coisa de as pessoas se sentirem poderosas ou importantes, então esse foi um trabalho que eu fui fazendo ao longo da minha vida, de tentar não me deixar contaminar. Se eu tivesse que dizer alguma característica minha, diria que a Academia não me subiu à cabeça, ser Professora Titular não subiu à cabeça, porém, ver meus alunos/as em postos-chaves, em lugares bacanas, realizados, felizes e assim você tem uns feedbacks interessantíssimos, isso me contempla. Tenho experiências que em novela a pessoa ia dizer que era mentira, sabe? Fui fazer um passeio em família no Espírito Santo, num lugar que tinha que subir umas pedras para ver uma cachoeira e de repente uma moça do outro lado do rio, fala: - Professora Helena, você foi a melhor professora que eu já tive na vida! Ela foi embora para o rio e eu fui para trilha que eu estava fazendo. Essas são as coisas que me fazem ter certeza da minha escolha profissional. Eu sou essa pessoa feita dos/nos retalhos de mim e vamos juntando e vamos fazendo. Fizemos vários exercícios no nosso grupo de pesquisa com essa temática, assistimos o filme *Colcha de Retalho*, fizemos um exercício superinteressante, cada um/a de vocês fazendo seus próprios retalhos. Se eu tivesse que usar uma imagem para dizer quem sou eu como Professora Helena, seria assim: sou os muitos milhares de retalhos dos alunos/as com quem mantive contato ao longo da minha vida. Então eu sou essa pessoa.

Sou feita de retalhos

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.

Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...

Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...

Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...

Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim.

Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de “nós”!ⁱⁱ

Flaviane: Em que momento do seu percurso de vida e formação você escolheu a profissão docente? De que maneira aconteceu esse movimento?

Professora Helena: Eu sempre soube, sempre senti que queria ser professora, não tinha dúvida! Dava aula para quem tivesse, até hoje tenho um pouco essa mania de dar aula até para o feirante, entendeu? Vou explicar como é e aí eu tenho que de vez em quando respirar e dizer assim: acorda! Você não é necessariamente professora do feirante, mas o Paulo Freire tem uma passagem muito interessante em uma entrevista que me representa muito. Nesta entrevista ele fala da primeira esposa dele e vem relatando como ele era uma pessoa ansiosa e que queria ver as coisas de um determinado jeito. Um pouco até diferente do que a gente imagina a figura do Paulo Freire, mas mais idoso, mas parece que na juventude talvez ele mesmo não fosse tão assim pacífico. Ele foi se pacificando ao longo da vida. Depois eu vou até fazer uma observação sobre o meu processo de pacificação, mas voltando ao Freire, ele queria fazer uma palestra e queria que os operários rapidamente abraçassem o que ele acreditava e fizessem tudo e ela dá uma chamada nele e diz: calma! Vai ver com o olhar do outro se você não está querendo resolver pelo outro. E ele diz assim, naquele momento Elza foi pedagoga de mim. Ele diz essa frase que marcou profundamente ao longo da minha vida. Quantos/as alunos/as, colegas, familiares, pessoas queridas, amores e afetos eu tive e tenho que foram e são pedagogas/os de mim? O que é você ser pedagoga/o do outro? Define bem o que eu procuro até hoje e procurei ao longo da minha vida ser para as pessoas com quem eu interagia, nessa acepção do Paulo Freire. A outra coisa que ia falar era que hoje eu sou uma pessoa mais tranquila, mas não era assim, fui descobrindo através das várias interações pedagógicas, e é na acepção do ser pedagogo do outro e ser pedagogo de mim do Paulo Freire, que você obtém muito mais reverberação e muito mais sintonia quando as pessoas, você e os outros, se colocam nesse lugar de aprendente e ensinante. Esta é uma contribuição na minha formação da Alicia Fernández, que é uma Psicopedagoga argentina, uma pessoa extremamente interessante, com uma formação sólida e eclética também, como eu reputo a minha. Fernández (2001) fala sobre você ser ensinante e ser aprendente que eu acho que é um lugar bacana, porque o/a ensinante pode ser o/a professor/a ou aluno/a e o/a aprendente pode ser o professor/a ou aluno/a, então assim, dá uma sacolejada nesses papéis na relação pedagógica.

Flaviane: Como você compreende a formação de professores/as e o que é formar professores/as?

Professora Helena: Só isso dá assim mais uns 50 anos de magistério e uns 50 anos de entrevista. Como eu entendo formar professores? Temos que levar sempre em consideração a multidimensionalidade do processo formativo. O professor precisa, necessita ter segurança no conteúdo. Sou professora de Didática e não abro mão da Didática que é um componente na formação, no currículo das instituições formadoras que precisa ser reconsiderado e recuperado como elemento chave. Não só saber fazer plano de aula, plano de curso, mas tem que incluir esse aspecto da dinâmica do fazer docente porque muitos professores em qualquer nível que chegam na sala de aula não têm noção de planejamento, acham que podem dar uma atividade para uma criança pequena que demore duas horas e claro em cinco minutos a criança já acabou a atividade e aquele professor que não fez um planejamento de acordo com a turma ou com a característica dos alunos diz que a turma é indisciplinada. Então essa dimensão de conteúdo, de estrutura didática, tem que estar muito clara e muito bem trabalhado, de forma lúdica e afetiva, mas que seja sólida para estruturar o fazer pedagógico. Quanto mais o/a professor/a tiver domínio sobre suas habilidades didáticas e sobre os conteúdos que tem que trabalhar, adequados para determinada faixa ou determinado nível de conhecimento ou assunto que ele/a está trabalhando, melhor será o desempenho dele/a como professor/a. Quando estou nas turmas de graduação dou aula de Didática e Estágio Supervisionado e na Pós-graduação, dou aula de pesquisa e eletivas na área de formação. Se você consegue sensibilizar o/a professor/a em formação para algumas necessidades que ele/a identifique que precisa trabalhar e vá a luta e vá correr para fazer aquilo, você como formador/a de professores/as tem que ser capaz de dar esse respaldo, ser esse ouvido, ser essa pessoa continente que acolhe, que abraça, que entende e que vai trazendo estímulos para que os professores/as se fortaleçam e busquem seus caminhos. O magistério é uma profissão muito desafiadora! Comecei minha carreira quando tinha 17 anos e já tinha as mesmas questões de indisciplina na sala de aula. O tema não é indisciplina, mas disciplina. Acho que se os alunos estão motivados, se estão ligados no que estão fazendo e estão se sentindo acolhidos e desafiados você não tem problema de disciplina, em geral. Claro que não é uma máxima, porque pode ter algum ponto fora da curva, mas no geral, se você é um/a professor/a atuante, próximo/a, consistente, ou seja, sabe o que tem que fazer, sabe como fazer, dificilmente terá problemas e muito ao contrário, você vai ter uma situação de sucesso. Então digo que formar professores é o despertar dessa consciência, dessa autoconsciência e dessa consciência no outro. E tem um aspecto que é bem característico também da posição da

Didática, que é a questão do modelo. Muitos professores/as dizem uma coisa e fazem outra. E aí você diz que é um professor/a libertário/a, mas quem chegar atrasado na aula leva falta. Aí você fica pensando o que é ser um professor libertário? O professor diz que você pode fazer o que quiser e se você faz o que quiser, a devolução é uma nota baixa porque não fez o que ele queria. Essa ideia da liberdade, um pouco o que a Josso nos falou, é uma liberdade que tem cara de liberdade, mas que na verdade é uma prisão enclausuladora, porque as regras não estão claras, os sentimentos que estão perpassando aquela relação são muitas vezes sentimentos de disputa, de inveja. É difícil para muitos de nós professores/as ver um aluno nos superar, principalmente se estivermos numa fase da nossa vida mais difícil. E eu adoro, prefiro e faço a maior fé quando meus alunos superam o que tentei ensinar e descobrem outros ensinamentos a partir das interações que vão estabelecendo. Então para mim, formar professor/a é isso: dar as armas possíveis, os caminhos possíveis e acompanhar essa trilha com todo o cuidado amoroso, firme e ver a pessoa crescer, sabe? Isso é formar! Quando seu aluno cresce, abre caminhos, passa no concurso, escreve um trabalho, apresenta em um congresso, dá uma aula bacana, enfim, se reinventa! Aí você tem a sensação de que alguma coisa você fez certo, mesmo que às vezes você direito nem saiba o que, então também tem um aspecto inconsciente dessa relação formativa. Alicia Fernández trabalha isso muito bem a partir de formulações da psicanálise, que admite ou que acolhe essa presença do inconsciente. Uma vez fiz uma avaliação numa turma de licenciatura da graduação e falei para me surpreenderem com o trabalho final e um rapaz que era historiador escreveu uma carta para mim como avaliação. Eu tomei aquele susto, mas a carta era superlegal, ele contemplou os teóricos que a gente tinha estudado, fez ligações com a prática que tinha de trabalhar num pré-vestibular comunitário. O aluno foi 10! Sabe? E uma colega tinha reprovado esse aluno porque disse que ele era rebelde, insuportável e um monte desses adjetivos. Primeiro eu pensei que tinha feito alguma burrada, porque se ele tem essa avaliação tão ruim do colega, será que estou tão boazinha? Mas eu caí em mim e falei: não! Minha proposta foi super bem cumprida, ele merece 10,0 porque ele tirou 10,0 não fui eu que dei 10,0 para ele. Quando estou em processos formativos mais regulares tipo graduação ou mesmo na Pós-graduação, eu tomo essa concepção de avaliação, gosto muito de trabalhar com o sistema de autoavaliação porque o aluno sabe o que fez e o que não fez, sabe se te enrolou ou não. Ele pode inclusive tentar te enrolar na autoavaliação, mas a responsabilidade é dele! Quando você está formando professores/as e você aposta na autorresponsabilidade tem tudo para dar certo!

Flaviane: Em suas obras você aborda temáticas como o ser professor/a, professor/a iniciante e o fazer docente. Qual ou quais dimensões considera essencial na profissão professor/a?

Professora Helena: Aqui é importante sistematizar os aspectos que considero absolutamente fundamentais na questão do/a professor/a iniciante e um desses aspectos que eu não abro mão de jeito nenhum é o suporte que esse/a professor/a tem que ter da instituição onde está, seja pública ou privada. Os programas de indução docente são super necessários e tem que ser implementados ontem! Trabalhei durante muito tempo com o projeto que chamava Residência Pedagógica, bastante distinto da proposta de Residência Pedagógica do Governo Federal atual. Exatamente nesse projeto a gente procurava suprir essa lacuna do apoio ao professor iniciante. Na Faculdade de Formação de Professores da UERJ de São Gonçalo, a gente tem a proposta de trabalhar as questões pedagógicas junto com as formações das licenciaturas, então os professores que formamos, em princípio, têm um pouco mais de chance de ter essa bagagem pedagógica. Em vez de ser o antigo 3 + 1, quer dizer, faz toda sua história depois você vai lá para a Faculdade de Educação e faz qualquer coisa e quebra um galho, nossa proposta é fazer essa formação conjunta e no curso de Pedagogia, em especial que é minha super menina dos olhos, temos a proposta de ir à escola, ir aos outros vários espaços educativos porque temos essa preocupação de formar o/a professor/a para a Educação Básica e para Educação Infantil e primeiros anos, porém, há essa abertura maravilhosa para outros espaços educativos. Então primeiro tem que ter um movimento de amparo, ajuda a esse/a professor/a recém-formado/a. Por mais que tenhamos a preocupação de colocar os/as professores/as nas escolas e nos espaços educativos, a realidade da sala de aula é outra quando ele/a é o/a dono/a da sala de aula. Se prefeituras, estados e Governo Federal tiverem essa preocupação de abrir espaços de movimentos sólidos e concretos de apoio a esse/a professor/a que está se inserindo no início da carreira, temos mais chances de ter um/a professor/a melhor sucedido/a, alunos mais felizes que, afinal de contas a gente veio a esse mundo para ser feliz; poderíamos ter ainda uma provável diminuição do índice de abandono do magistério nos três primeiros anos, porque os índices ainda são bastante alarmantes de abandono da profissão por absoluto desencanto. Um/a professor/a iniciante é um/a professor/a que vem cheio/a de gás, está começando uma carreira que escolheu. Então se tem um suporte de pares ou colegas mais experientes que abraçam essa carreira, do compartilhamento da docência, se tem um Programa Institucional que sustente, esse início da carreira pode ser bastante facilitado. E a gente tem condição de encontrar um/a professor/a mais feliz e mais atuante. Não necessariamente o tipo da Residência

Pedagógica que eu fazia, mas alguma coisa que seja trabalhar como o Portal que foi outro projeto que fiz para o CNPq. A ideia do Portal é você ser um lugar de trânsito. No Portal, você entra e sai por ele, vai lá e busca alguma coisa de um lado, vai lá e busca alguma coisa do outro. A ideia de você construir Portais de interação nas escolas, nos municípios e Estados é que você consegue sustentar esse/a professor/a iniciante, de modo que ele/a possa se fortalecer e seguir na carreira.

Flaviane: Você é líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógicas. O que este grupo reverbera em você?

Professora Helena: Nos reunimos semanalmente e nossa ideia principal é esse fortalecimento do docente que existe em cada um/a de nós! Acredito e aposto na autoformação quando trabalhamos nesse grupo, então tudo o que fazemos é visando o fortalecimento de cada um/a e do grupo como um todo. Eu diria que autoformação e parceria são palavras-chave do grupo. Temos membros mais experientes que estão fazendo pós-doutorado e graduandos, mestrandos e doutorandos e pessoas que querem entrar na pós-graduação, ou seja, é um grupo eclético do ponto de vista dos níveis em que se encontram formativamente falando. Você pode ter um Pós Doutor aprendendo com uma experiência trazida por uma graduanda que está dentro da sala de aula vivendo os desafios diários de trabalhar e essa é a mesma ideia do/a aprendente e do/a ensinante. Na perspectiva da Didática há uma prática na qual a gente trabalha o conteúdo e a formação pessoal junto, então tem sempre um texto, uma tarefa, uma leitura, uma apresentação de algum conteúdo por alguém. E paralelo e junto com, temos dinâmicas e trabalhos diversificados. O que é lindo do grupo? Ao longo desse tempo, fizemos muitas coisas diversas, como trabalhar com artes, com poesia e sempre ancorado nos princípios teóricos que nos sustentam. Então, que autores a gente já estudou? No início do grupo a gente estudou alguns textos do Piaget, trabalhou muito Paulo Freire ao longo do grupo todo, e há algum tempo a gente vem estudando Marie-Christine Josso, que é uma pensadora, autora e mulher francesa que desenvolve pesquisas na linha de narrativas e que vem ampliando os nossos olhares. Considero que as contribuições da Josso para o nosso trabalho fizeram uma virada no grupo, porque as pessoas começaram a ler Josso sem nunca ter ouvido falar, que é um desafio legal. A gente leu um dos livros clássicos dela, ‘Experiências de vida e formação’. O próprio título já diz e quando Josso nos fala de experiências de vida e formação, o que ela está fazendo? O que pretendo fazer no grupo! Associar o que a gente vive com o que nos forma. Então o tempo todo as atividades propostas são para isso, e temos tido uma produção bastante significativa, inserção dos membros do grupo em eventos, com participações elogiadíssimas, pessoas fazendo duplas

e trios dentro do grupo para apresentar trabalhos, para fazer as tarefas e sempre circulando essa ideia que eu falo do/a professor/a iniciante, no fundo, todos nós somos sempre iniciantes em alguma coisa! Esse grupo reverbera em mim como um grupo de luz, um grupo de girassóis, nós todas/os nos procurando nessa iluminação recíproca. É um grupo de muita produção de conhecimento! Muita produção, uma riqueza assim de emocionar! Então, dá esse feedback, você diz assim: Olha gente! Nós estamos aqui para isso, para aprender e ensinar e a gente aprende e ensina! Aprende e ensina e se faz um/a professor/a melhor!

Flaviane: Ao longo de todos esses anos dedicados à formação de professores/as, você tem deixado retalhos de si e juntado tantos outros, marcando muitos espaços formativos, especialmente a Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Professora Titular do Departamento de Educação e Docente do Programa de Pós-graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, iniciou as pesquisas com os egressos da referida Faculdade, orientou a primeira dissertação de Mestrado defendida em 2011 e a primeira tese de Doutorado defendida em 2021. O que esses momentos significam para a Professora-pesquisadora Helena?

Professora Helena: São momentos muito gratificantes! O Luiz Paulo Borges foi nosso primeiro mestrando a defender uma dissertação linda, com várias publicações posteriores e hoje em dia é professor concursado do Colégio de Aplicação da UERJ. Ele esteve à frente do Endipe que organizamos aqui no Rio e é assim uma referência! Está bombando, super bem, super integrado, fez o doutorado na UERJ Maracanã e seguiu a vida. E Laís Lemos foi a primeira doutoranda a defender na FFP, e que tem um trabalho lindíssimo em que ela cunhou um conceito, de *viviografia*. Ela conseguiu num tempo bastante exíguo produzir um conceito e fazer uma tese de doutorado bastante elogiada. E o que isso me traz? Me traz gratificação, mas em momento nenhum me coloca num lugar que eu seja melhor que ninguém, nada disso. Uma característica bastante importante de termos na Academia é saber que as vitórias dos nossos alunos são dos nossos alunos! A gente está lá para não atrapalhar. Respeitar o crescimento do outro, se a gente sente que tem alguma coisa um pouco fora da linha temos obrigação de chamar amorosamente, mas firmemente. Isso é um processo formativo que você faz! Quando você dialoga com o/a seu aluno/a que está crescendo, está se formando e você está sendo colocado naquele lugar que é considerado na Pedagogia, e a própria Alicia Fernández fala isso, quando ela diz que é um lugar que alguém te colocou, que seria um lugar de suposto saber, ou seja, aquela pessoa se reflete em você porque acha que você sabe alguma coisa que pode ajudar e na verdade, você sabe alguma coisa que pode ajudar, então você compartilha aquilo. O risco desse

processo é você se colocar no lugar de saber encarnado! Aí você não consegue dialogar porque você fica na prisão que a Josso nos fala. Isso sim é uma prisão! Quando você se coloca nesse lugar de saber encarnado e acha que o que descobriu ninguém nunca mais vai descobrir, porque você acha que inventou a roda. Você não descobriu alguma coisa que ninguém mais vai descobrir porque isso acaba com o conhecimento. Por exemplo, a gente lê textos às vezes de colegas e às vezes eu recebo trabalhos para avaliar das agências de fomento e de periódicos, que eu não consigo entender o que a pessoa escreveu, literalmente! Aí eu digo assim, bom, me deu um ataque de burrice, porque não estou conseguindo entender o que a pessoa escreveu. Porque a pessoa precisa escrever numa linguagem que ninguém entende? Isso é uma postura antiga que ainda existe, mas é uma postura a ser superada. A nossa linguagem, a nossa produção de conhecimento na universidade é uma produção de conhecimento que deve ser acessível a todo mundo. Você tem que ter um cuidado que a sua linguagem seja super científica e não há área mais científica do que a educação! Educação é uma área super, mega, ultra, pluri científica! Agora, a linguagem não precisa ser ininteligível, muito ao contrário! Uma linguagem que passe a mensagem ancorada em tudo o que você sabe, em tudo o que você produziu, em tudo que você estudou, de modo que a pessoa possa ler e possa se encontrar naquilo, assim eu entendo o nosso papel, meu e de todos os colegas que estão junto comigo nessa instituição e nas outras, que seja de ter esse lugar de transmissor e produtor de saber, de conhecimento e fazer circular esse conhecimento e produzir mais! Nossos alunos chegam cheios de vontade e energia, aí se depara com uma pessoa arrogante, por exemplo, ou uma pessoa que se acha O saber, que sabe mais do que todo mundo. Isso pode causar um embate que até impeça o outro de crescer. A gente vê muito na Academia, o/a professor/a que só quer que o aluno/a pesquise o que ele/a pesquisa, mas isso o docente já fez. O/a aluno/a tem que ser capaz de ressignificar alguma coisa que aprendeu com você com tudo o que ele já sabe. Então o meu papel na Faculdade de Formação de Professores sempre foi esse! Na graduação, na pós-graduação, de buscar esclarecer a potência do outro, para o outro se ver potente. Potente, amado, considerado! Que são valores da sociedade planetária de que Morin nos fala, ou da mudança social que a gente está vivendo inexorável e bela. Se queremos outro mundo, temos que produzir esse outro mundo a partir das nossas interações com o mundo que temos ao alcance. Então vamos produzir um mundo novo e produzir um mundo novo e um homem novo significa exatamente isso: potencializar a si e ao outro! Aceitar! Amar! Dialogar! Então é assim que eu vejo o meu papel.

Temos dois trabalhos bastante pioneiros na Faculdade de Formação de Professores. Um é o Projeto de Egressos da graduação, que é coordenado pela Professora Maria Tereza Goudard

Tavares, que tem um bolsista Proatec, o Mariel Moderno, junto à coordenação de graduação e eu tive bastante interação com esse projeto porque a então pedagoga da instituição, que era Gláucia Braga, fez a dissertação dela de Mestrado, que eu tive a honra de orientar, com esse trabalho de egressos da graduação, que é um trabalho maravilhoso e já produziu artigos! E é super necessário porque os egressos têm muito a nos dizer! Então, quando eles dizem coisas como [e os egressos da graduação falam muito isso]: os professores não têm a menor consideração pelo aluno/a que trabalha! Esse dado aparece com uma frequência enorme, então nosso/a aluno/a de graduação sendo aluno/a trabalhador/a que chega às 18h30 ou 18h40 na aula que começa às 18h, algumas vezes tem problemas com os/as professores/as, algumas vezes são reprovados/as pelo fato de chegarem mais tarde. Quando não é descaso do/a aluno/a, é uma situação real que ele vive pelo fato de ser aluno/a trabalhador/a, então é mais um exemplo do que eu tinha falado antes. Nossa prática é uma e nosso discurso é outro! Quanto mais nós, professores da Universidade conseguirmos aproximar nossa prática do nosso discurso e nosso discurso da nossa prática mais a gente passa para o/a aluno/a esse sentimento de sintonia e de reverberação positiva com ele. Então esse trabalho de egressos da graduação é maravilhoso! Nosso programa de Pós-graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais começou com um estudo de egressos quando não era essa novidade toda, agora todo mundo tem que fazer. A gente já fazia um acompanhamento com os nossos egressos desde a primeira turma, que constava de sabermos onde estavam, se tinham voltado para onde estavam antes, se tinham feito outros concursos... Um pouco dos desdobramentos do nosso trabalho na Pós-graduação. Como eu disse sou uma funcionária pública e uma pessoa comprometida com o público, então temos que saber que profissionais estamos entregando para esse público que vai interagir com eles. A gente fazia esse acompanhamento dos nossos alunos, publicações e promovia encontros e sempre fizemos isso. No ano passado, tivemos o V Seminário da Pós-graduação e o IV Seminário de Egressos; fizemos seminários em que juntávamos os alunos egressos com os alunos atuais justamente para fazer essa interação e ver possibilidades. O que eu acho fundamental nesse trabalho de egressos é a possibilidade de nos autoavaliarmos, porque quando você chega no nível da Academia em que é professor da Pós-graduação e se coloca num pedestal, desta posição você não consegue enxergar o que está acontecendo. Nosso programa não é assim de jeito nenhum! Se temos esse feedback dos egressos que nos dizem coisas que precisamos ouvir, temos condições de ajuste, tipo: os horários das aulas, algumas exigências e questões relativas a nota, avaliação, que são coisas que pegam em qualquer processo didático-pedagógico. Agora o nosso coordenador atual, Professor Luiz Fernando Conde Sangenis

conseguiu uma Bolsa Proatec, então em vez de fazermos um trabalho de egressos um pouco doméstico, como eu fazia na minha pesquisa, vamos ter um estudo de egressos mais profissional, que é condizente com o programa de Pós-graduação em vias de conquistar uma belíssima avaliação, como a gente sempre tem tido, e com um trabalho profissional de acompanhamento desses egressos, que eu considero realmente fundamental. Não para controle apenas, de jeito nenhum, mas para um processo de uma riqueza que é fundamental em qualquer relação pedagógica, que é o processo de avaliação e de autoavaliação. O que acho bonito no trabalho de egressos é que o/a aluno/a pode falar qualquer coisa e aquela qualquer coisa que o aluno falar deve ser levada em consideração por nós, para fazer uma autoavaliação e ficar pensando se naquele semestre eu fui ou não um/a bom/a professor/a. Então o que eu posso fazer para melhorar minha performance docente? Ouvindo esses/as alunos/as, não importa se é um ou se são 10, se for um aluno que diga alguma coisa, ele está dizendo uma coisa que você deve levar em consideração, para pensar pelo menos! Não é isso que a gente quer? O processo de formação de professores/as é um processo em que a gente se ensina a pensar, então vamos nos ensinar a pensar.

Flaviane: Em outro momento do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógicas você enunciou: “Nós professores/as também somos as escolas de que falamos”. Como podemos causar a transformação que tanto falamos e almejamos na educação?

Professora Helena: Uma coisa que é importante ver nesse processo de conscientização é que não existe uma escola externa a mim! Assim como não existe um mundo externo a mim! Como não existe aquele outro que é o outro que eu aponto o dedo em vez de apontar a mim mesma! Um caminho no processo formativo, e que a Josso nos traz brilhantemente com uma consistência teórica para ancorar essa prática, é o seguinte: eu vou me olhar, vou me fundamentar, vou estudar para mim, vou construir meu conhecimento porque é um valor para mim. Na medida que eu consigo me olhar e me ver, por exemplo, como parte desse mundo, parte dessa família, parte dessa escola onde eu trabalho, parte dessa universidade em que trabalho e que, em vez de existir culpa, existe um processo de corresponsabilidade, então eu entendo que tenho a minha parte de responsabilidade, o outro tem a parte de responsabilidade dele. Eu só posso me considerar responsável pela minha parte, isso é verdade! Porém, não posso culpar uma escola falha, cem por cento como uma escola falha se eu sou parte dessa escola, então parte da responsabilidade por esse processo dentro da escola que estou criticando ou enfim de qualquer outra coisa que seja, é parte de mim! Se eu consigo ver isso, se consigo fazer

a minha parte, pelo menos o meu olhar sofre um deslocamento, então esse deslocamento possibilita que eu veja essa situação de outra forma que não seja culpando ou responsabilizando apenas o outro. Então eu sou parte dessa escola que critico como eu sou parte dessa vida que critico e é legal, é bom a gente ter uma autocrítica, tanto para um lado quanto para o outro. Quando eu digo a vocês no grupo de pesquisa: Nossa que legal, o seu trabalho é maravilhoso! Aí a pessoa olha para mim e faz aquela cara de dúvida, sabe? Como assim cara de dúvida? Acorda! Eu estou fora do teu trabalho, mas estou te dizendo no meu lugar de suposto saber que o seu trabalho está legal e você tem dúvida de aceitar. Por que a expectativa do/a aluno/a, mestrando/a ou doutorando/a é que o orientador/a vá criticar no sentido negativo? Porque a nossa expectativa social é essa, a escola tem esse viés, é uma coisa impressionante! Essa escola hipotética que a gente fala não aprendeu em dois anos de pandemia que não dá para continuar com essa metodologia ultrapassada! Eu tenho contato com as professoras de São Gonçalo que fazem parte da nossa pesquisa lá nas escolas e ano passado que elas estavam dando aula online era a mesma coisa, era folhinha online porque a coordenadora pedagógica mandou fazer folhinha online. A gente podia ter aproveitado esse período e muitas pessoas estão escrevendo artigos sobre isso agora: O que fazer no tempo de pandemia? O que isso pode nos possibilitar reinventar a escola que queremos? Eu tenho ainda uma grande esperança que consigamos tirar entre outras lições da humanidade com esse período que estamos vivendo, que possamos ter uma escola que a gente se responsabilize por ela. O nosso ensino-aprendizagem é um processo de autorresponsabilidade, de corresponsabilidade, somos todos responsáveis! Quem corta nossas verbas e nossos financiamentos é responsável. Mas quando fazemos mau uso do dinheiro público, a gente também é responsável pelo mau nome do serviço público ou do espaço público. Então todo mundo tem que repensar todas as vezes: o que eu estou fazendo para usar o espaço público que foi conquistado através de um concurso público? Ótimo! Mas como é que você manteve seu tempo nesse serviço público, o que você deu para o público, que é a quem você serve em última análise. Porque essa é a ideia do serviço que a Josso fala, de ser servidora, é você estar servindo ao outro, sem, evidentemente, se macular. Se cuidando e sendo uma boa profissional, séria e consistente, mas devolvendo para o público o que é do público, que é um bom atendimento do serviço público.

Flaviane: Em um dos encontros do Grupo de pesquisa Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógicas em 2021, você declarou: “Falar das coisas que nos instituem professores/as é dar conta da importância que determinadas coisas possuem.” Em seus processos formativos, que coisas foram te instituindo professora?

Professora Helena: Bom, falar dessas coisas me instituiu! A alegria de ser professora é uma coisa que me instituiu! Desempenhar o meu fazer pedagógico com a seriedade que ele exige, porque não é uma coisa simples, não é trivial, é uma atuação bastante séria e você trabalha com as vidas das outras pessoas, então isso é uma consciência que é de uma importância enorme. O que você diz para o outro tem uma implicação enorme na vida daquele outro. Então isso me instituiu professora, ter essa consciência da importância do meu papel, do meu modelo, da minha postura, das coisas que digo e faço, da consonância entre esses aspectos. Isso me instituiu a professora universitária que eu sou. Eu tive várias experiências nas escolas de São Gonçalo nas quais eu ia para supervisionar alunos de estágio. E aí você coloca os alunos nas turmas e fica por ali e eu sempre vou junto com os meus alunos de estágio para a escola e fico o tempo todo junto com, porque é um trabalho de acompanhamento, isso realmente me instituiu professora de Estágio. Numa destas escolas, tinha uma professora que estava desviada de função na biblioteca, ensinando a ler alunos rotulados com dificuldade de aprendizagem. Eu sentava na biblioteca e trabalhava com ela. Trabalho delicioso! Porque você vê aquele aluno já grandinho, de oito, nove, dez anos que não sabe ler ou não consegue ler direito e que chega lá titubeando e sai daquele trabalho de reforço/acompanhamento um pouquinho mais claro como é que ele faz a leitura. E uma vez o diretor da escola me disse assim: - Ai, eu admiro sua paciência. Eu não tenho! Eu falei: Querido! Professor tem que ter paciência! E ele continuou: - Sou professor de Educação Física. Eu achei engraçado, porque escrevi um texto, acho que para um CIPA (não lembro...) com a Professora Gianine Pierro que dizia: Meu nome é professor e meu sobrenome é de História, de Geografia. O que que nos dá o nome? Você é Flaviane, eu sou Helena, então meu nome é professora, meu nome é Helena. O meu sobrenome: Eu sou pedagoga, se sou professora de História, de Geografia, mas o que me identifica é meu nome! Eu fui nomeada professora, então quando você é nomeado/a professor/a, paciência vem com o território, aceitação vem com o território e nesse território do ser professor/a, há algumas características que não podemos abrir mão. E ele falou alguma coisa do tipo tolerância e tolerância é uma palavra da qual eu não gosto muito, porque fica como se fosse uma obrigação, sabe assim? Ser tolerante. Então eu digo, será que não conseguimos rephrasear isto? Esse tem sido o meu exercício atual. Essas características são inerentes ao território do ser professor: paciência, aceitação, humildade, gostar da profissão, ter muita consistência teórico-metodológica. E assim, sentiu que escorregou? Vai à luta, vai ler, vai procurar um par, vai dialogar com alguém que possa te ajudar nesse processo. Tem várias coisas que me instituem professora que são essas

crenças na beleza do fazer docente! Isso sou eu, é meu nome mesmo! E os sobrenomes depois vem, você muda para cá, muda para lá! Sobrenome é uma coisa que você troca!

Flaviane: Em outra ocasião do Grupo de Pesquisa Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógicas você fala das dores do crescimento. Qual ou quais experiências contribuíram para o seu desenvolvimento e para a composição da sua identidade profissional docente?

Professora Helena: Bom, você fala na sua pergunta sobre identidade profissional docente e a gente usa no nosso grupo o conceito de Christopher Day que fala de um processo de construção a partir das indagações em torno de como nós professores/as nos formamos, como as experiências vividas na docência são percebidas, narradas e como explicar a relação destas com o processo de aprender a ensinar, passamos a viver junto a, buscando estudar o desenvolvimento profissional docente tomando a experiência/sentido, contando e recontando histórias narrativamente, enfatizando principalmente sua dimensão temporal e relacional, em prol de práticas de formação e investigação socialmente mais justas e de transformações educacionais significativas, como visto em Zeichner. Embora esse processo revele tamanha complexidade e multidimensionalidade, é uma necessidade individual/coletiva e organizacional que pressupõe comprometer-se com uma aprendizagem contínua e com o desejo de marcar a vida dos alunos, na perspectiva do desenvolvimento profissional docente de Day, e eu adoro essa ideia das dores, mas eu não posso deixar de acompanhar das dores e das delícias de ser professor/a e das dores e das delícias de crescer. Então eu reputo que cada experiência que eu vivi foi me formando professora, foi me constituindo a professora que eu sou hoje. E eu evito muito, você sabe disso e na minha prática isso está muito presente, as oposições de maniqueístas. Quando há muito tempo eu li Edgar Morrin e comecei a entender a questão da complexidade na sua visão, eu busquei na prática e na teoria, digo, busquei porque a gente tem muita dificuldade porque o nosso modelo é muito forte, o modelo que a gente vive é um modelo de sim e não, preto e branco. Enfim, oposições binárias e eu gosto das integrações. Então vamos apostar nas dores e nas delícias. Se conseguimos viver um episódio em que somos extremamente desafiado/as, numa turma identificada como turma problema, por exemplo, que acontece muito quando a gente é professor iniciante. O que você faz com aquele rótulo de turma problema? Você pode aceitar o rótulo de turma problema, e aí você está mergulhada nas dores, nas negatividades ou você pode acolher a turma como ela vem. Então aí você fala das dores e das delícias de trabalhar os desafios diários. Eu teria muitos exemplos, mas prefiro falar da minha formação como professora e das minhas questões de crescimento como uma

disponibilidade interna, de acolher os desafios como eles vinham. Não estou afirmando aqui que muitos desafios tenham sido fáceis de lidar, muito ao contrário. Porém, se a gente olha de novo na perspectiva da negatividade, tipo, não sou capaz de dar conta, a gente já está fazendo uma parte para nos trazer possibilidades de fracasso, ao mesmo tempo, se a gente tem uma atitude um pouco mais positiva e busca, por exemplo, apoio em profissionais, em colegas ou em livros ou profissionais, colegas, livros e *papers* e que nos ajudem a entender aquela situação desafiadora que estamos vivendo, trabalhamos com uma perspectiva de possibilidade de construção profissional, de autoconstrução profissional, muito mais do que trabalhando na falta, na derrota, na impossibilidade. Isso se aplica às nossas vidas pessoais e certamente às nossas vidas profissionais. Nóvoa enfatiza que nós somos pessoas e profissionais e não dá para você separar essas coisas. Então, se na nossa vida pessoal a gente tem uma atitude um pouco mais positiva do que negativa, temos chance de superar determinados desafios ou lidar com eles de uma forma menos traumática e mais positivada. Então é isso, dores e delícias do crescimento profissional que vêm juntas porque fazem parte dos nossos lados luz e sombra. Nós trabalhamos muito no grupo de pesquisa essa questão de luz e sombra como partes incluídas do nosso ser pessoal e profissional junto.

Flaviane: Huberman (2000) traz apontamentos sobre o desenvolvimento da profissão docente, caracterizando tal desenvolvimento por meio das fases. A 4ª fase da carreira profissional docente (25-35 anos de carreira) é apontado por ele como estágio de serenidade e distanciamento. Período caracterizado pelas lamentações em decorrência do ativismo do período passado e pelas aventuras vividas. Nessa mesma época, os professores também evocam serenidade em sala de aula como se soubessem o que iria acontecer e estivessem preparados para qualquer situação. Os professores se aceitam como são e já não se preocupam mais com a aceitação por parte de outras pessoas do ambiente de trabalho. Ao mesmo tempo em que o investimento cai nesta fase da carreira, a sensação de confiança e de serenidade aumenta. Nessa fase, os professores também tendem a se afastar afetiva e emocionalmente dos seus alunos por vários motivos. Como você está vivenciando esta fase?

Professora Helena: Huberman e Tardif colocam fases, cada um do seu jeito, como se fosse uma coisa didática, mas no pior sentido da acepção da palavra didática, como se fossem coisas estanques e coisas um pouco dadas. Eu acho que tem um valor enorme porque Huberman em especial é bastante citado no que se refere aos períodos da vida docente. Olha, se eu tiver que dizer, eu acho que vivi todos os períodos misturados ao longo da minha vida, mas chegando

nesse último período, me sinto muito mais plena do que me sentia no meu início da carreira, muito mais ligada no 220W e absolutamente próxima dos meus alunos/as, porque cada vez eu acredito mais no companheirismo professor-aluno, guardados os devidos postos, cada um tem um lugar distinto, nenhum dos dois é melhor que o outro, mas temos essas especificidades de papéis. Eu acho importante a gente problematizar, por exemplo, qual o papel da teoria e da prática na formação de professores/as e no fazer docente. Não dá para você separar, Huberman fala, teoricamente, de um lugar de distanciamento que pode acontecer com professores/as que viveram um magistério pesado, sem muito amor por aquilo ou com a maior parte do tempo, menos amorosa. Porque é impossível você permanecer no magistério sem amor pelo que está fazendo, é totalmente impossível! Você vai arranjar outra coisa para fazer, mas realmente as pessoas que permanecem no magistério, mesmo que neguem verbalmente, alguma coisa na vida desses/as professores/as os liga aos alunos, à escola ou ao que eles/as fazem. Então acho que o amor está presente, mesmo que às vezes a gente não reconheça. Aliás, acontece em muitas relações interpessoais, independente das questões profissionais, não é? Quantas vezes a gente tem relacionamentos que quando a gente coloca em dúvida e coloca na balança para ver o que que ainda me satisfaz nesse fazer docente e o que que não me satisfaz mais. Aí eu fico contando os dias para uma aposentadoria. Tipo, vou me livrar! Não é absolutamente esse o meu lugar, o meu lugar no momento, e aí assim tenho que discordar um pouco do Huberman da questão de você se aposentar ou você chegar no final da carreira exaurido/a, eu chego no final da carreira plena! Eu olho para trás e vejo muito mais momentos de alegria, de felicidade, de sensação de dever cumprido do que a sensação de dever cumprido, aquele interminável, aquele dia que não termina nunca, que chega segunda-feira e você já quer chegar na sexta. Eu tendo a dizer para o Huberman que há esperança no final da carreira de que a gente consiga se aposentar em um estado de contentamento com o que deixou para trás, reconhecendo que algumas coisas talvez pudessem ser feitas diferentes, mas foram feitas da maneira que foi possível na época que foram feitas. E ficarmos com bons termos com essa questão de poder fazer as coisas dentro das possibilidades que temos. Eu fico muito feliz de poder compartilhar esses sentimentos e essas constatações para quem vai nos ler nessa entrevista e que possa pensar que mesmo quando estamos em uma situação mais complicada, sempre é possível arranjar e descobrir uma saída que seja boa para você e boa para as pessoas com quem você convive. Muita gratidão pelos meus anos de magistério! Pela minha vida dedicada ao magistério! Eu sou muito grata por essa escolha profissional que foi reafirmada ao longo desses anos todos!

Flaviane: Em fevereiro de 2021, você anunciou sua aposentadoria. Valeu a pena ter escolhido a profissão professora? Que mensagem gostaria de deixar para as pessoas que desejam a profissão docente e/ou para quem já se dedica ao campo da educação?

Professora Helena: Sobre a questão da aposentadoria eu acho que é um processo que vem amadurecendo na minha vida e a vida é feita de escolhas! Então, ao longo dos meus mais de 50 anos de magistério, eu venho fazendo escolhas pela profissão. E continuo fazendo escolhas pela profissão. Avalio o percurso como bastante rico e de bastante dádivas. Me dei para outras pessoas e recebi muito, e é assim que eu entendo o processo de se tornar, de ser docente, de fazer a docência, de viver a docência. É um processo de trocas intensas, muitos aprendizados múltiplos e pluriligados nas pessoas com quem a gente interage. Especificamente nos 20 anos que me dediquei à Faculdade de Formação de Professores da UERJ eu tenho muitas alegrias internas. O fato de ter entrado em um departamento com poucas pessoas Pós-graduadas e de agora deixá-lo repleto de doutores em 20 anos é um processo de crescimento muito maravilhoso! Claro que é um movimento de todas as pessoas esse crescimento e agora temos um Programa de Pós Graduação em Educação na Unidade, fruto de sonho coletivo de um grupo que se lançou nessa aventura de montar uma Pós-graduação numa época ainda tão difícil e tão complicada como vivíamos, uma época de incertezas, e a gente vive na universidade volta e meia com situações de incerteza, mas naquela época em que a FFP era vista na UERJ como um lugar menor, a gente sempre viu como um lugar maior, porque não existe nada maior, na minha percepção, do que formar professores/as. Conseguir trazer para São Gonçalo o Mestrado e depois o Doutorado, é uma conquista de um grupo de pessoas que acreditou e acredita no espaço da FFP como um espaço possível de ter uma graduação forte e rica. Fizemos a reformulação do curso de Pedagogia que atualmente tem um projeto e uma proposta em andamento bastante rica. E o Mestrado e Doutorado da mesma forma, inclusive, a nossa linha de Processos Formativos e Desigualdades Sociais é muito pioneira porque junta esses dois aspectos fundamentais da vida brasileira, que é como que você trabalha processos formativos em espaço educativos diversos, não necessariamente só na escola. Claro que sim e sempre na escola, que é o nosso chão, mas aberto para outros espaços e a questão das desigualdades que é uma questão crucial na sociedade brasileira. É aflitivo percebermos e vivermos essa imensa desigualdade que assola a nossa sociedade. Então, no nosso quintal temos obrigação de fazer alguma coisa para encarar essa desigualdade e dizer: o que a gente pode fazer aqui, o que é a gente sabe fazer aqui? A gente sabe formar professores/as, a gente sabe formar mestres e doutores. E é para isso que a gente luta a vida toda, profissional e pessoal. Então vamos fazer o nosso possível, como aquela

metáfora de jogar a estrela do mar de volta ao mar, mesmo que digam que não adianta e que já morreram muitas, a que jogar de volta tem chance de viver. Nessa perspectiva que sempre trabalhamos fortalecendo esse Programa de Mestrado e de Doutorado que temos agora, que é rico, diverso, incluyente e com pessoas que têm objetivos comuns, tanto na linha de formação quanto na de políticas. Eu deixo uma vontade imensa que egressos, alunos atuais, continuem esse trabalho com propósitos semelhantes aos nossos, procurando lidar melhor com a competitividade social, buscando ter atitudes mais incluyentes, verdadeiramente acreditando em processos inclusivos e verdadeiramente acreditando que é possível mudar a sociedade brasileira de dentro para fora. E que ela vai mudando na medida em que tenhamos atitudes solidárias, respeitosas, que disponhamos de consideração uns pelos outros e que a gente estude muito, leia muito e se aprofunde muito. Porque de conhecimento superficial o mundo está cheio. Esse do Facebook, do Instagram ou do imediatismo a gente está passando. A universidade é um local de construção e circulação de saberes, conhecimentos, atitudes, exemplos, construções e é isso que eu desejo e espero que continue dessa maneira.

O que eu ressalto é que a construção do lugar docente é uma construção diária. E a escolha pela docência é uma escolha diária. Então, quando um/a professor/a, afirma que está na docência e que quer continuar na docência, reforça esse lugar de potência que é um lugar muito importante de ser devidamente ocupado. Claro que algumas questões atravessam essa situação, por exemplo, remuneração, valorização social. Mas assim, não estou deslegitimando isso, realmente a questão salarial tem que ser muito batalhada mesmo, é bastante séria e leva muitas vezes ao abandono da profissão. Não porque a pessoa se desiluda, mas porque ela precisa se sustentar, esse é um dado real. Mas quando a gente consegue equilibrar a questão financeira com a questão da realização profissional, atingimos um lugar bastante importante, que é o de estou fazendo o que eu gosto, consigo viver dessa minha profissão, consigo produzir e consigo me sentir bem. E consigo que as pessoas que estão à minha volta, meus relacionamentos profissionais, alunos/as, colegas, o pessoal de apoio da escola ou da universidade sintam que eu sou uma pessoa encontrada, que estou de bem com o que eu estou fazendo, então isso é aquela pedrinha que você joga no lago, a pessoa que se deixa levar pela amargura, em geral, espriaia sentimentos menos bons, e quem acredita no que faz e se sente realizada, vai espriaando bons e positivos sentimentos. Gratidão pela oportunidade de partilhar reflexões.

Tempo para cerzir novos retalhos...

Referências

- DAY, Christopher. *Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente*. Porto Editora: Portugal, 2001.
- FERNANDÉZ, Alicia. *O saber em jogo: a psicopedagogia possibilitando autorias de pensamento*. Porto Alegre: Editora ARTMED, 2001.
- FREIRE, Paulo, 1921-1997. 29ª ed. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* / Paulo Freire: prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. - 29ª ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.
- JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria da Conceição Passeggi, Marie Christine Josso. 2.ed. re. e ampl. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos da Histórias de Vida)
- MORIN, Edgar. *Educar na Era Planetária – o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana/elaborado para a UNESCO por Edgar Morin, Emílio Roger Ciurana; Raúl Domingo Motta*. 2. ed. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. Revisão técnica da tradução Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina; 2006.
- NÓVOA, António. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora. 1991.
- NÓVOA, António. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa, 2002.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional* / Maurice Tardif. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ZEICHNER, K. M. Uma agenda de pesquisa para a formação docente. *Revista Brasileira de pesquisa sobre formação docente*. Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 13-40, ago./dez. 2009. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>

ⁱ Texto extraído do Currículo Lattes da Professora Doutora Helena Amaral da Fontoura. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4270456085309197>. Acesso em: 01 de fev. 2022.

ⁱⁱ Poesia Sou feita de retalhos. Disponível em: [Cris Pizzimenti: "Sou feita de retalhos" - Revista Consciência \(revistaconsciencia.com\)](http://www.crispizzimenti.com.br). Acesso em 26 de jan. 2022.